

PERFIL DE USO DAS PLANTAS MEDICINAIS PELOS USUÁRIOS DE UMA UNIDADE INTEGRADA DE SAÚDE DA FAMÍLIA DO MUNICÍPIO DE JOÃO PESSOA-PB

CAVALCANTE, Nayara Costa¹; LEITE, Lays Cristina dos Anjos¹; LIMA, Abymaelson José Nóbrega de¹; SARMENTO, Thiago Ferreira¹; BATISTA, Leônia Maria²

1 Voluntário (a), Centro de Ciências da Saúde, Departamento de Ciências Farmacêuticas,
PROBEX;

2 Coordenadora, Centro de Ciências da Saúde, Departamento de Ciências Farmacêuticas,
PROBEX

RESUMO

A humanidade utiliza plantas medicinais desde alguns séculos antes de Cristo. Primeiro de forma empírica, e mais tarde para tratamento, cura e prevenção de doenças. O Brasil possui uma grande biodiversidade e o uso de plantas medicinais é uma prática usual, principalmente entre as populações mais carentes. A Fitoterapia nos programas de atenção primária à saúde pode se constituir numa alternativa terapêutica muito útil devido sua eficácia aliada a um baixo custo operacional, a relativa facilidade para aquisição das espécies vegetais e ao contexto cultural no qual ela está inserida. Este trabalho compõe-se de pesquisa exploratória de caráter transversal quantitativo tendo como instrumento questionários semiestruturados os quais foram aplicados junto aos usuários de uma Unidade Integrada de Saúde da Família da cidade de João Pessoa-PB, durante a realização da feira itinerante no mês de julho. Cerca de 47 usuários foram entrevistados sobre o uso de plantas medicinais. Quando avaliada sobre a fonte de procedência da planta, 48% afirmam adquirirem a planta em horta própria ou comunitária, 23% às obtiveram nos mercados e 18% utilizaram outras fontes. Com relação à forma de uso das plantas medicinais, 52% dos entrevistados afirmaram usar as plantas na forma de infuso, 24% na forma de decocto e 19% utilizaram a preparação caseira lambedor. Dos 38 usuários que fazem uso das plantas medicinais, 85% afirmaram que as plantas apresentavam o efeito esperado, enquanto que 15% responderam que não.

PALAVRAS-CHAVE: Plantas medicinais, Fitoterapia, PSF

INTRODUÇÃO

A utilização de plantas com fins medicinais, para tratamento, cura e prevenção de doenças é tão antigo quanto a espécie humana. A OMS, no início da década de 1990, divulgou que grande parte da população dos países desenvolvimento dependiam das plantas medicinais como única forma de acesso aos cuidados básicos de saúde (SILVA et al, 2006).

Segundo a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos (2005), planta medicinal é uma espécie vegetal, cultivada ou não, utilizada com propósitos terapêuticos. Denomina-se de planta fresca aquela coletada no momento de uso e de planta seca aquela que foi submetida ao processo de secagem, equivalendo à droga vegetal. Os fitoterápicos são preparações obtidas a partir de plantas medicinais e assim como todos os medicamentos, devem oferecer garantia de qualidade, ter efeitos terapêuticos comprovados, composição padronizada e segurança de uso para a população (BRASIL, 2004). Além de seu uso como substrato para a fabricação de medicamentos, as plantas são também utilizadas em práticas populares e tradicionais como remédios caseiros e comunitários, processo conhecido como medicina tradicional (BRASIL, 2005).

A Organização Mundial de Saúde (OMS) define a medicina tradicional como sendo a soma de todos os conhecimentos teóricos e práticos, explicáveis ou não, utilizados para diagnóstico, prevenção e tratamentos físicos, mentais ou sociais, baseados exclusivamente na experiência e observação e transmitidos verbalmente ou por escrito de geração a outra (PEREIRA; OLIVEIRA; LEMOS, 2004).

O conhecimento popular sobre plantas medicinais contribui de forma relevante na identificação dos efeitos terapêuticos e auxilia os pesquisadores na seleção de espécies para estudos botânicos, farmacológicos e fitoquímicos. Os estudos relacionados às plantas medicinais são de extrema relevância, pois confirma os efeitos terapêuticos já mencionados pela população, além de descobrirem outros efeitos benéficos, assim como a identificação dos efeitos tóxicos de algumas plantas (TRESVENZOL, 2006).

A utilização de plantas medicinais nos programas de atenção primária à saúde pode se constituir numa alternativa terapêutica muito útil devido a sua eficácia aliada a um baixo custo operacional, a relativa facilidade para aquisição das plantas e a compatibilidade cultural do programa com a população atendida (MATOS, 1994).

DESENVOLVIMENTO

Este trabalho compõe-se de pesquisa exploratória de caráter transversal quantitativo tendo como instrumento questionários semiestruturados aos quais foram aplicados junto aos usuários da Unidade Integrada de Saúde da Família Ipiranga da cidade de João Pessoa-PB.

Durante a realização da feira itinerante no mês de julho, e 47 usuários foram entrevistados sobre o uso de plantas medicinais.

Quando questionado sobre o uso de plantas medicinais (Gráfico 1), 83% dos entrevistados afirmaram já ter feito uso de plantas medicinais. Este dado corrobora com o que foi encontrado no trabalho de BATISTA (2012), que afirma que no Brasil, aproximadamente 82% da população brasileira utiliza produtos à base de plantas medicinais nos seus cuidados com a saúde, seja mediante o conhecimento tradicional ou ainda pelo uso na medicina popular, de transmissão oral entre gerações, ou nos sistemas oficiais de saúde, como prática de cunho científico, orientada pelos princípios e diretrizes do SUS.

Um trabalho realizado por Junior (2008) mostra que 98% dos entrevistados afirmaram utilizar plantas para fins medicinais regularmente e apenas 2,3% disseram não utilizá-las no dia-a-dia.

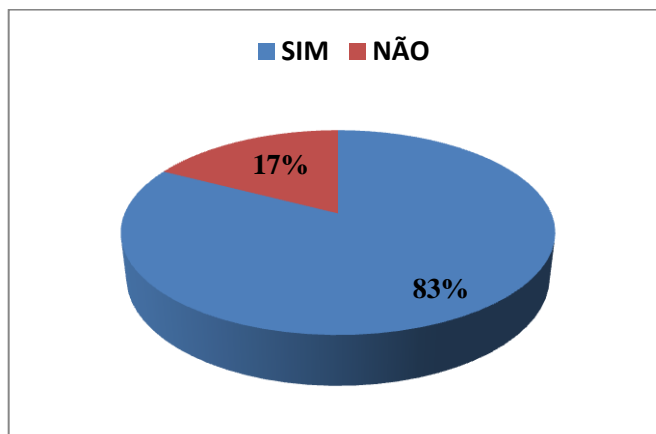


Gráfico 1: Distribuição percentual quanto a utilização de plantas medicinais

Quando avaliada qual a fonte de procedência da planta medicinal (Gráfico 2), 48% afirmam adquirirem a planta em horta própria ou comunitária, 23% as obtêm nos mercados e 18% se utilizam de outras fontes. Segundo Santos et al (2009) a aquisição de plantas medicinais em hortas próprias ou comunitárias é justificada pelo fato da maioria da população residir em áreas urbanas e, por isso utilizam plantas cultiváveis porque são mais acessíveis.

O presente trabalho também apresenta similaridade com um estudo realizado por Arnous et al (2005), o qual mostra que 79% das pessoas entrevistadas possuem o hábito de

cultivar as plantas medicinais em seus quintais e jardins e 38% também as adquirem nos quintais dos vizinhos e amigos, enquanto apenas 3 pessoas relataram que compram as plantas.

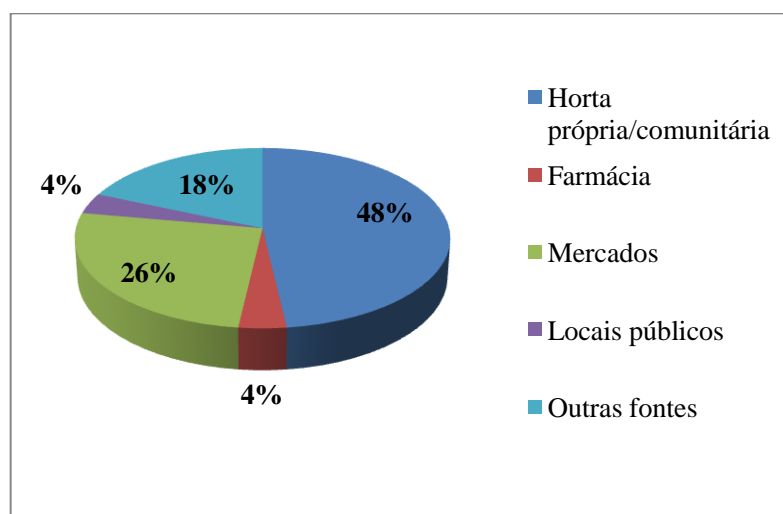


Gráfico 2: Distribuição percentual quanto a procedência das plantas medicinais

Quando questionados com relação a forma de uso das plantas medicinais (Gráfico 3), 52% dos entrevistados afirmaram fazer uso de plantas na forma de infuso, 24% na forma de decocto e 19% utilizam a preparação caseira lambedor. Com relação ao preparo, um trabalho realizado por Arnous et al (2005) mostra que 376 dos entrevistados (75%) referiram-se ao chá das plantas medicinais, o que revela o fato de que na maioria das vezes a planta é utilizada de forma errônea porque só as partes duras (raiz, caule e casca) devem ser cozidas. Geralmente as pessoas adquirem as espécies no quintal de suas casas, sendo usadas com mais intensidade na forma de chá por decocção, para os mais variados tipos de moléstias.

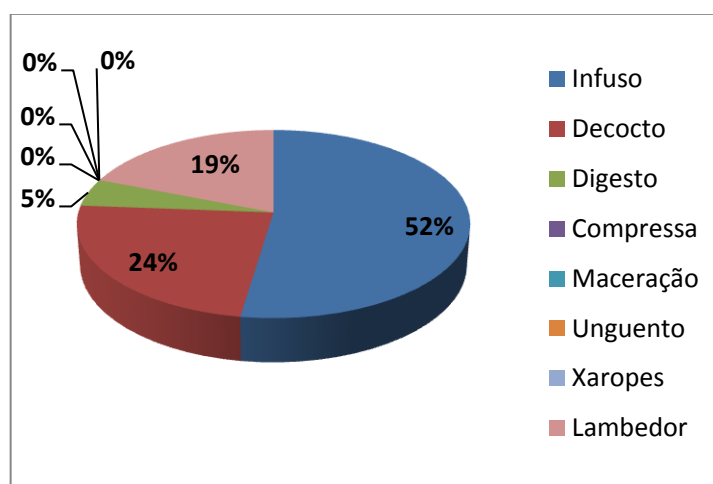


Gráfico 3: Distribuição percentual das formas de preparo das plantas medicinais

Dos 38 usuários que fazem uso das plantas medicinais, 85% afirmaram que as plantas apresentavam o efeito esperado, enquanto que 15% responderam que não (gráfico 4).

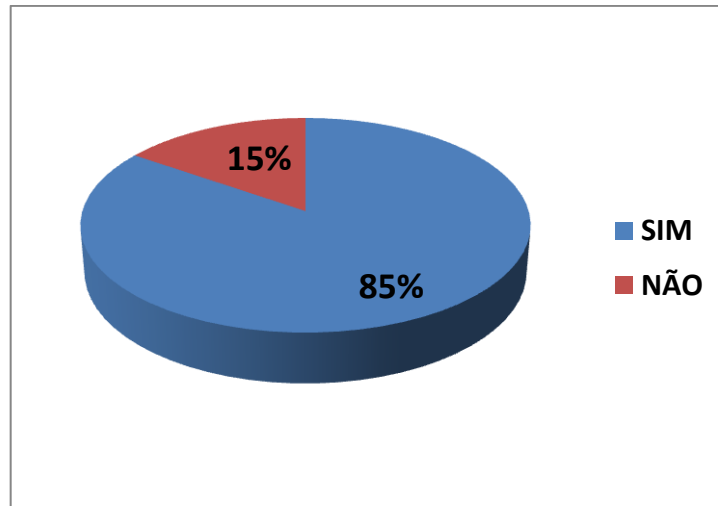


Gráfico 4: Distribuição percentual quanto ao efeito das plantas utilizadas

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conhecimento sobre plantas com propriedades terapêuticas é um legado que tem se reproduzido ao longo das gerações. Porém, apesar do saber popular ter a sua importância e do fato de estar inserido de maneira complementar ao saber científico, verifica-se certo grau de limitação. Dessa forma, destaca-se a necessidade de intervenções educativas na atenção básica, na perspectiva de conscientizar sobre uso racional das plantas medicinais pelos usuários, buscando assim trazer para a população conhecimentos que possam ser incluídos no seu dia-a-dia a fim de garantir uma melhoria no cuidado de sua saúde.

REFERÊNCIAS

1. ARNOUS, A. H.; SANTOS, A. S.; BEINNER, R. P. C. Plantas medicinais de uso caseiro - conhecimento popular e Interesse por cultivo comunitário. **Revista Espaço para a Saúde**, Londrina, v.6, n.2, p.1-6, 2005. Disponível em: <<http://www.ccs.uel.br/espacoparasaude/v6n2/plantamedicinal.pdf>> Acesso em: 12 de Setembro de 2013.
2. BATISTA, L. M.; VALENÇA, A. M. G. A Fitoterapia no Âmbito da Atenção Básica no SUS: Realidades e Perspectivas. **Pesq Bras Odontoped Clin Integr**, João Pessoa, v. 12, n. 2, 2012. Disponível em:

- <<http://revista.uepb.edu.br/index.php/pboci/article/viewFile/1604/848>> Acesso em: 12 de Setembro de 2013.
3. JUNIOR, V. F. V. Estudo do consumo de plantas medicinais na Região Centro-Norte do Estado do Rio de Janeiro: aceitação pelos profissionais de saúde e modo de uso pela população. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 18, n. 2, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbfar/v18n2/27.pdf>> Acesso em: 12 de Setembro de 2013.
 4. SANTOS, et. al. Estudo etnobotânico de plantas medicinais para problemas bucais no município de João Pessoa, Brasil. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 19, n. 1B, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbfar/v19n1b/a24v191b.pdf>> Acesso em: 12 de Setembro de 2013.
 5. TAUFNER, C. F.; FERRAÇO, E. B.; RIBEIRO, L. F. Uso de plantas medicinais como alternativa fitoterápica nas unidades de saúde pública de Santa Teresa e Marilândia,ES. **Natureza on line**, v. 4, n. 1, 2006. Disponível em: <http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/30319591/medicinais_ster_mari.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIR6FSIMDFXPEERSA&Expires=1379034542&Signature=Zs0KTfiBGfxLDNAQ7d09N%2B51BkQ%3D&response-content-disposition=inline> Acesso em: 12 de Setembro de 2013.